

O pastor George Crespy, professor de moral e de filosofia na Faculdade de Teologia de Montpellier, presidente da Comissão de Evangelização da Igreja Reformada da França, acaba de publicar um livro intitulado Os Ministérios da Reforma e a Reforma dos Ministérios, no qual estuda o futuro da Igreja dentro da sociedade humana. Afirma o autor: "Muitos pastores e estudantes de teologia se preocupam com o futuro da Igreja; idêntica preocupação existe na igreja católica, chegando até mesmo a se expressar de modo mais radical do que entre protestantes. Poderíamos contentar-nos com o que existe, ou fechar os olhos aos problemas existentes... Creio que devemos ser corajosos: olhar a verdade cara a cara, a fim de que o futuro não nos reserve surpresas bem desagradáveis." A tese do livro consiste no seguinte: não existe mais cristandade (se é que ela existiu algum dia); de qualquer maneira, não há mais lugar para ela no mundo moderno. Que conclusões tira a Igreja desse fato?

A entrevista do pastor Crespy foi dada a revista francesa L'Illustré Protestante (dezembro de 1968).

**Pergunta** — A análise do seu livro sobre a Igreja é impiedosa: a Bíblia pouco significa para 90% dos homens e para 3/4 dos membros das igrejas. Afirma ainda que as necessidades religiosas são manifestação de infantilismo que deveriam desaparecer. A paróquia transformou-se num cenário ultrapassado, que não traduz qualquer vida comunitária. Perante tudo isso que alternativas existem para o pastor? Escolher uma profissão "profana" ou seguir a um ministério votado à unidade e à formação? Isto pode ser exagero e até uma caricatura: no entanto, idéias tão radicais não poderão provocar a rejeição em bloco de todas as suas teses, por parte daqueles que preferem conceitos mais estáveis e confortáveis?

**Resposta** — Na verdade, quando um organismo está doente, o que é o caso da Igreja, é preciso fazer uma "análise impiedosa", um diagnóstico rigoroso. Realmente você exagerou, mas compreendo a sua reação. As verdades incômodas são preferíveis às ilusões reconfortadoras que, na realidade, prenunciam tem-

pos dolorosos. Você usou o termo caricatura com razão. Minhas palavras não são assim tão ásperas.

**1) Quanto ao significado da Bíblia** — Existe uma forma de interpretar a Bíblia que eu chamaria de "sistema catequético-ideológico"; consiste em usá-la sem levar em conta os homens e a própria Bíblia. A Bíblia é um livro bastante profano e leigo, voltado profundamente para a vida real. Infelizmente, fazem dela um tratado ideológico, um conjunto de máximas e de proposições teológicas fora do tempo.

**2) Quanto às necessidades religiosas** — Frequentemente revelam comportamento infantil. Não é só isso, porém; na realidade, encobrem necessidades mais profundas e autênticas: o descobrimento de um sentido para a vida e a história humanas e a nossa própria existência. Olhe só a história de Jó! Trata-se de um homem que vive recusando as explicações religiosas que seus amigos dão para as tremendas perplexidades de sua vida. No entanto, é justamente a ele que Deus dá razão!

cei

suplemento

12

Agosto - Setembro, 1969

# Qual o futuro da Igreja?

Entrevista  
com o teólogo  
George Crespy

3) Quanto à paróquia — Sou muito severo quando me refiro a um determinado tipo de paróquia que, por sua contextura sociológica e ideológica, se recusa a qualquer adaptação ao meio humano, vivendo em si mesma e refugiando-se no passado. São paróquias que se “autoconsomem”, paróquias-museu. Há, felizmente, outro tipo de paróquia; como todas as outras, têm culto e estudos bíblicos, porém marcam passo e conseguem enfrentar a realidade. Lá se faz política e por que não?... De qualquer maneira não existe o medo de enfrentar problemas políticos, mesmo sabendo-se que há pessoas de opiniões e partidos diferentes. Onde há uma unidade geográfica e sociológica deve haver, necessariamente, uma paróquia. Uma igreja local pode ter formas bem variadas mas deve corresponder sempre à realidade do meio ambiente. A paróquia não é uma entidade teológica, mas uma realidade sociológica; é assim que deve ser vista e criticada.

4) Acho simpática a idéia de uma carreira “profana” para o pastor, em regime de tempo parcial. Por outro lado, um profissional qualquer poderá desempenhar certas funções pastorais. Essa, porém, não é a solução para o “mal-estar pastoral” e para as dificuldades financeiras da Igreja. O ministério pastoral é, essencialmente, um ministério de unidade e de formação. Não exige, necessariamente a figura de um pastor, se bem que não possa dispensar sólidos conhecimentos teológicos. É um ministério integral, quer seja desempenhado por um pastor ou por um “leigo”... No entanto, gostaria que acabasse o hábito de chamar pastor a todo aquele que exerce, na Igreja, outro ministério, como o magistério ou o jornalismo. Eu não sou um pastor nem tampouco você o é. Fazer questão do título é dar mostras de clericalismo.

**Pergunta** — Suas palavras me desorientam. Aprendi na Faculdade de Teologia e no catecismo que o protestante encontra na Bíblia as normas verdadeiras para sua vida pessoal e para a Igreja. A Reforma protestante por acaso não encontrou, para todos os planos, a verdade bíblica?

**Resposta** — Um momento. A Bíblia é testemunho de uma verdade apresentada **em pessoa**: Jesus Cristo. Suas verdades são relativas ao tempo, são encarnadas, ligadas à história e aos homens. Portanto, não diremos que as instituições do Novo Testamento sejam normativas para todas as épocas ou que a Igreja Primitiva deva servir de modelo para as igrejas de hoje, ou que as idéias de São Paulo sobre as mulheres sejam válidas para os nossos dias. A “verdade bíblica” é somente Jesus Cristo. Qual é a tarefa da teologia? Compreender quem ele é, saber o significado de sua vinda e de suas palavras. Os Reformados procuraram fazer isso, Lutero mais do que Calvino. Mas posteriormente, caiu-se no escolasticismo, coisa tão condenada no catolicismo. Hoje em dia, não podemos recair naquilo que a própria Reforma contestou, alegando “manutenção da herança de nossos pais”.

**Pergunta** — A maior parte das pessoas que comparece à Igreja responderá, com toda a certeza, o seguinte: queremos um pregador que nos traga mensagem de certeza, de reconforto e de tranquilidade.

**Resposta** — Eles têm razão em querer certeza, reconforto, tranquilidade. Vejamos o que há por detrás dessas palavras. Não as aceito se elas significam ausência de perguntas, ou sistema fechado de idéias certas. A única certeza que temos

é esta: Jesus Cristo foi um acontecimento que deu sentido à vida e à história do mundo. Nem por isso deixamos de fazer perguntas, muito pelo contrário. No entanto, não temos respostas para muitas perguntas — e por isso **confiamos** naquele que as propõe (que não é o pregador, mas o próprio Jesus Cristo). Creio que nele está a resposta para todas as minhas perguntas e, assim, sinto tranquilidade e reconforto. Esta é uma atitude de fé: em vez de me fechar num sistema de verdades satisfatórias para o coração e para o espírito, olho de frente para as perguntas muitas vezes dolorosas que a vida me faz; questiono-as, deixo-me questionar, e tenho confiança.

**Pergunta** — Na sua opinião, pregar não é exclusivamente do pastor, mas responsabilidade comum da comunidade. O que me diz disso?

**Resposta** — É isso mesmo... A experiência já foi feita em algumas paróquias, durante alguns anos, com sermões preparados por uma equipe, cultos dialogados e palestras logo depois do culto. Não nego o dom da pregação, mas como todos os outros dons, deve ele ser exercido dentro de um quadro comunitário. **A pregação não é exclusividade de ninguém.** O Novo Testamento fala disso quando relata o "Sínodo de Jerusalém". Lá, apóstolos e anciãos se reuniram para examinar a entrada de pagãos na Igreja procurando, em conjunto, uma forma de pregação.

**Pergunta** — Você destaca o papel que a comunidade tem na questão de recuperação das almas, especialmente em meios onde as estruturas tradicionais foram rompidas. Não entrará isso em contradição com o desejo de anonimato que tem o homem (segundo Hervey Cox ou Marcuse?) que vive numa sociedade industrial e urbanizada? Mais ainda: será

preferível recorrer a um pastor, que é considerado como "um homem de Deus", do que a um leigo qualquer da comunidade?...

**Resposta** — Não é nada disso. A comunidade não pode ser encarregada pela recuperação de almas. Digo e repito que **uma existência verdadeiramente comunitária** ajudaria as pessoas a resolverem grande número de problemas, a começar pelo sentimento de que não são as únicas a enfrentar tais situações. Não estou pensando naqueles "grupos de Oxford", onde se fazia, publicamente, a revelação de assuntos íntimos; penso que cada um deve dar mais atenção ao seu semelhante. É verdade que o pastor tem — pelo menos teoricamente — maior familiaridade com a Palavra de Deus. Muitos problemas, porém, só exigem **um pouco de amor e de bom senso.** Isto não é exclusividade de pastores! Em resumo, a função da comunidade na recuperação das almas é mais profilática do que terapêutica.

**Pergunta** — No meio rural, segundo você afirma, subsistirá durante mais tempo uma sociedade tradicional que exigirá um tipo de pastorado tradicional.

**Resposta** — Nada disso. Afirmo que o próprio ministério rural terá que mudar, em função das transformações do meio. **Cada vez mais a sociedade rural se urbanizará,** pois todos os recursos da vida urbana a atingem: carros, conforto, televisão, etc. Haverá verdadeira revolução no meio rural; portanto, o pastor, no interior, terá que modificar seus métodos, como já o vem fazendo desde algum tempo atrás.

**Pergunta** — E nas grandes cidades, que tipo de ministério você antevê? Um ministério de unidade entre os diversos grupos de trabalho?

Agosto - Setembro, 1969

**Resposta** — Não tenho modelos nem esquemas teóricos. Nas grandes cidades haverá necessidade de **diversos tipos de ministério**, tão diferentes entre si, que um tipo de ministério de unidade entre diversos grupos será de grande importância. Consistirá êle, essencialmente, em ouvir todos os grupos e pô-los em contato.

**Pergunta**— E quanto à formação dos futuros pastores? Deverão eles ter outros conhecimentos, além dos teológicos? As vezes você afirma isso e, outras vezes, diz que já existem especialistas nesses assuntos que poderão desempenhar suas funções melhor do que o pastor. De que modo os pastores poderão se atualizar?

**Resposta** — Sua pergunta revela uma concepção de ensino anterior aos acontecimentos de maio do ano passado. Antes disso, que faziam os estudantes? Assistiam às aulas, tomavam notas, ouviam o professor. As pessoas diziam: é preciso que, além de teologia, eles tenham noções de sociologia, psicologia e economia, para terem conhecimentos úteis ao futuro ministério. **Como se noções significassem formação!** Não adianta de nada trazer psicanalistas às faculdades de teologia: é preciso aprender a sua linguagem e não a sua ciência. Eles poderão vir (e já o fizeram) e terão contato com os estudantes e responderão a perguntas. Aí, a curiosidade dos estudantes ficará desperta e as obras de Freud começarão a ser lidas. Não precisamos formar psicanalistas às dúzias; desejamos abrir janelas sobre o mundo. Queremos um pastor que saiba ouvir o que os outros dizem. Assim serão as atividades de atualização dos pastores em exercício.

**Pergunta** — No seu livro — **Les ministères de la Réforme et la Réforme des ministères** — há mais um diagnóstico do que uma terapêutica. A Igreja parece ser a enfermeira de uma cristandade moribunda, à qual está presa. Será necessário o desaparecimento de todos os vestígios da cristandade para que a Igreja se liberte dela? Que tipo de Igreja viria depois?

**Resposta** — Espero que a Igreja rompa com a cristandade que é, na realidade, uma ficção. Recentemente um inquérito de opinião pública revelou que 35,4% dos franceses gostaria de ver mencionada na constituição a expressão “Deus criador e Pai de todos os homens”; 33,4% não concordavam com isso. Que diferença faz uma coisa ou outra? O fato é que a maioria dos franceses tem cada vez mais alergia a vestígios como esses, que denotam aparência de cristianismo.

Parece-me que a Igreja do futuro será uma **Igreja muito mais flexível**, com participação e presença muito mais variadas. Será uma Igreja mais caótica, cheia de pequenos grupos de pesquisa e de ação, alguns dos quais se levantarão para contestá-la. Ao mesmo tempo, as fronteiras confessionais serão ultrapassadas, em virtude de forças e tendências que já existem hoje em dia. Tenha uma certeza absoluta: a **Igreja deverá ser a Igreja do povo cristão e dela deverão desaparecer os sacerdotes**; daí ser tão importante a formação dos leigos. Se isso não acontecer, a Igreja ir-se-á esclerosando e não haverá mais futuro nem para o protestantismo nem para a igreja cristã. Lutemos para que isso não aconteça!